

KALOS KAI AGATHOS
E O AMOR PELA ARTE CLÁSSICA

Rui Moraes

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade do Porto

ORCID: 0000-0002-5052-7164

Delfos

Paisagem despida e nua
Pedras sagradas, erguidas pela mão do Homem,
assiste Febo Apolo, sereno,
no centro do Mundo situado.

Poema do autor em homenagem a MHRP

“Eu vivo com os antigos”¹

Platão, filósofo bem conhecido da nossa homenagem – devendo-se-lhe a ela a tradução da *República*-, imaginava *kalokagathia* como a soma de todas as virtudes, de entre as quais ressaltavam a bondade, a nobreza e a beleza. A estas virtudes somava ainda Maria Helena da Rocha Pereira outras excelências, em particular

¹ Frase proferida numa entrevista ao Jornal *Público* por M. H. da Rocha Pereira (quinta-feira, 6 de setembro de 2001).

uma ética irreprovável e uma alta capacidade intelectual, próprias de uma mente cultivada, no sentido aristotélico de uma vida plena e virtuosa.

Celebrar o Centenário de Maria Helena da Rocha Pereira é o modo mais nobre para demonstrar o quanto lhe somos devedores, numa dimensão não apenas académica, nacional e internacional, mas também na de todos aqueles que com ela privaram ou puderam usufruir dos seus ensinamentos, oralmente transmitidos ou pela leitura da sua infindável obra. A excelsa qualidade que a distingue levou à sua reedição, compilando-se centenas de trabalhos em dez volumes, numa iniciativa conjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra e da Fundação Calouste Gulbenkian. As características e as particularidades editoriais de algumas delas fizeram com que não pudessem ter sido contempladas naqueles volumes. De entre outras, podemos destacar a edição crítica de Pausânias, *Graeciae descriptio*, publicada na prestigiada *Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana*, respetivamente nos anos de 1973, 1977 e 1981, e reeditada em 1989-1990. Estamos perante um trabalho magnífico que a havia de projetar a nível internacional, com críticas muito favoráveis nas revistas da especialidade. A propósito, não resistimos em transcrever as palavras de Delfim Leão, seu discípulo, quando num dos textos de homenagem que lhe dedicou refere que “a própria deixava escapar por vezes, com indisfarçada satisfação, o facto de dois grandes especialistas em mitologia (W. Burkert) e arte grega (J. Boardman) lhe terem confessado a frequência com que consultavam os índices que ela havia produzido para esta edição, num claro sinal do impacto internacional produzido pela publicação.”

Neste breve texto, não é nossa intenção traçar o percurso excepcional da nossa homenageada, pois tal desígnio já foi cumprido por quem estava devidamente habilitado a fazê-lo. O meu testemunho é muito mais modesto, de um arqueólogo de formação, mas que o destino levaria a ter o privilégio de aprender com M. H. da Rocha

Pereira a beleza da Arte Clássica e, em particular, o gosto pelo estudo dos Vasos Gregos, tema a que me tenho dedicado nos últimos anos. É também o testemunho de quem partilhou alguns momentos de convívio e pôde, em tempo devido, participar e dedicar-lhe singelas, mas merecidas e sentidas homenagens. Algumas traduzem-se em publicações e noutras iniciativas mais agregadoras, mas não menos prestigiantes, a que aqui iremos brevemente aludir. Mas a história começa antes...

O amor de M. H. da Rocha Pereira pela antiguidade começou bem cedo ainda como estudante liceal na cidade invicta, no renomado liceu D. Carolina Michaëlis. Mas foi a obtenção de uma bolsa de estudos do instituto de Alta Cultura para o ano letivo de 1950/1951 que lhe permitiu matricular-se na prestigiada Universidade de Oxford. Tratava-se de um período ainda de grandes incertezas, de racionamento de bens de consumo, como consequência do grande conflito que havia dilacerado a Europa e o mundo há apenas cinco anos. Como se poderá imaginar, aquela iniciativa exigiu um grande esforço pessoal, e levá-la-ia para longe da sua amada família, que desde sempre a acompanhou. A força e a vontade inabaláveis, e diríamos ainda a grande capacidade de resiliência, iriam moldar a sua vida futura, como académica e como uma das maiores personalidades da cultura da segunda metade do século XX e primeiras décadas da nossa centúria.

Em Oxford iria frequentar as aulas dos mais prestigiados helenistas mundiais, em particular sob o magistério de E. R. Dodds, sobre a Literatura e Religião Gregas. Ávida pelo saber e pelo estudo, M. H. da Rocha Pereira decidiu aprender com outros mestres de renome que marcariam para sempre o seu trajeto e magistério, entre os quais destacamos E. Fraenkel, W. S. Barrett e R. Pfeiffer. Os temas eram vastos e não seria suposto ter um programa de estudos tão intenso, mas eis que alguém lhe pergunta se não gostaria de assistir às aulas da maior autoridade mundial de arte clássica, e em

particular de Vasos Gregos. Seria uma pena não aproveitar a sua estadia para conhecer a maior autoridade na matéria... referimo-nos, naturalmente, a Sir John Beazley, autoridade ainda hoje indiscutível e que fez do estudo dos Vasos Gregos uma nova ciência.

A experiência oxoniense marcaria de forma indelével M. H. da Rocha Pereira, fazendo com que regressasse pouco tempo depois, em 1954, para aprofundar os seus conhecimentos com o seu supervisor oficial, E. R. Dodds, e a dedicar-se a outras temáticas, dentre as quais aquela dos Vasos Gregos. Tal foi o fascínio e o impacto nela causado por Sir John Beazley, que a levaria em 1959 a uma nova estadia, ainda que mais breve, em Oxford, desta vez para trabalhar exclusivamente aquele tema.

O culminar desta aventura resultou na publicação, anos mais tarde, em 1962, da célebre obra *Greek Vases in Portugal*, reeditada pela Imprensa da Universidade em 2016. Vale a pena transcrever as palavras iniciais deste estudo:

“In 1950-1951, during my first sojourn as a recognized student in the University of Oxford, I was lucky enough to attend Prof. Sir John Beazley’s lectures on Greek Vases. Anybody who has been granted this privilege knows how stimulating contact with this most famous scholar can be. I will, therefore, only state a few facts which may be of interest to readers of this book: when I went to Oxford again, in the Michaelmas Term, 1954, I had already collected most of the material for my first paper on the subject (afterwards published in Humanitas vii-viii); then in March and April 1959, after I had gained access to other collections, I worked under Prof. Beazley’s supervision. This part of my studies appeared soon afterwards in Humanitas xi-xii and Archivo Español de Arqueología xxxi. A few months later I encountered new material, which I discussed in a paper included in Conimbriga i. I then resolved to collect all the papers in a single volume which would contain

a study of the vases in chronological order, and not, as formerly, according to their whereabouts. This is, therefore, what the reader will find here, together with two further vases and a fragment, which are now published for the first time.

It is my pleasant task to acknowledge help of various kinds towards the completion of this book. Nobody who reads it will need to be told how much the author owes to Prof. Beazley's generous advice, though any blemishes that may have been left are certainly not his. I am also indebted to Prof. A. D. Trendall, of Canberra University, Australia, for some valuable suggestions; to Prof. B. Ashmole, of Oxford University, for a photograph; to Dr. Dietrich von Bothmer, of the Metropolitan Museum in New York, for indicating a reference; and to Mr. J. M. Bairrão Oleiro, of Coimbra University, for some bibliographical references and for introducing me to new material."

A publicação desta magnífica obra correspondeu a uma tarefa hercúlea, cheia de peripécias, incluindo uma noite em branco na Imprensa da Universidade, mas a obra sairia no dia seguinte, a tempo de ser apresentada como estudo complementar às provas públicas para Professor Extraordinário. A sua escrita em língua estrangeira não correspondia aos cânones da época, mas a autora bem sabia que o estudo deveria ser em inglês de modo a permitir a leitura a um público mais vasto, incluindo noutros continentes. A obra foi paga a suas expensas, mas teve certamente o retorno das vendas e rapidamente esgotou. Quando lhe perguntei como foi capaz de reunir todos aqueles vasos numa época em que pouco ou nada se sabia em Portugal sobre o tema, o que naturalmente dificultava qualquer intenção de os compilar, retorquiu com uma experiência que havia tido com um investigador estrangeiro que já lhe havia feito essa pergunta pouco tempo depois da publicação: tratou-se de “um trabalho de detetive”! Efetivamente, mas eu diria também de grande resiliência e revelador de uma vontade incomum e a todos

os níveis notória. M. H. da Rocha Pereira acabava de abrir novos caminhos e novos horizontes de investigação. Seguiram-se muitos outros estudos publicados em revistas nacionais e internacionais, dando-se a conhecer novos vasos até à data desconhecidos, todos eles reunidos em vinte e um estudos no quarto volume, intitulado *Arte Antiga*, da série de dez volumes a que já aludimos.

Destacam-se, pela sua qualidade artística, dois kratêres de colunas de figuras vermelhas atualmente no Museu da Presidência, oferecidos em 1858 pelo Núncio Apostólico em Lisboa, Innocenzo Ferrieri, como prenda de casamento de D. Pedro V com a princesa Hohenzollern-Sigmaringen, Stephanie Josepha Friederike Wilhelmine Antonia. Estes magníficos kratêres ilustram temas muito diferenciados: a guerra e as festividades. Apesar de se desconhecer o contexto arqueológico em que foram encontrados, são vasos com uma história bem documentada e ambos obras de excecional qualidade artística, atribuídas às primeiras produções italiotas de cerâmica grega. Após a morte do Príncipe Consorte, D. Fernando (1885), os vasos terão ficado no Palácio das Necessidades, mas o seu rasto perde-se após a queda da monarquia, em 1910. Graças aos esforços da nossa homenageada, estes vasos foram de novo dados a conhecer². A história é simples, mas não deixa de ser ilustrativa dos seus esforços e tenacidade: conta M. H. da Rocha Pereira que estes vasos haviam sido realojados no Palácio de Belém, hoje residência oficial do Presidente da República, e que teriam sido vistos em cima de um aparador pelo Professor Fernando da Fonseca, por ocasião de uma das suas visitas de foro clínico ao Palácio de Belém. Graças à informação prestada por este insigne Professor, os vasos

² ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Four South Italian Vases in the Lisbon District”, *Humanitas* 27-28 (1975-1976), pp. 227-236; idem, “O Coleccionismo de Vasos Gregos em Portugal: Breve Apontamento”, in *Vasos Gregos em Portugal: aquém das colunas de Hércules*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Instituto Português dos Museus, 2007, pp. 69-71.

puderam ser devidamente estudados e publicados. Sabemos que M. H. da Rocha Pereira teria falado da importância destes vasos ao então Presidente da República, Ramalho Eanes, que, graças à sua conhecida sensibilidade, fez providenciar a sua salvaguarda no interior de vitrinas, podendo nos dias de hoje ser apreciados como das mais valiosas peças do Museu da Presidência.

Várias foram as vicissitudes dos Vasos Gregos em Portugal, que não podem aqui ser brevemente abordadas, mas poder-se-á dizer, com toda a circunstância, que se deve a M. H. da Rocha Pereira a introdução do seu estudo em Portugal, dignificando o nosso país a uma escala internacional, em parte graças à publicação a que já aludimos e aos vários estudos publicados nas mais prestigiadas revistas internacionais em língua inglesa.

Esse reconhecimento foi-lhe feito em vida na exposição e catálogo *Vasos Gregos em Portugal. Aquém das Colunas de Hércules*, que decorreu entre 26 de janeiro a 15 de julho de 2007, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, que lhe foi dedicada e que a mesma, de modo benevolente, acompanhou como comissária científica.

O sucesso e qualidade desta memorável exposição, patrocinada por D. Manuel de Lancastre, que colocou à disposição do museu uma das melhores coleções até à data reunidas em Portugal, levou a que no ano seguinte esta fosse acolhida no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto. Esta iniciativa, a norte do País, iria ainda possibilitar dar a conhecer a mais antiga coleção de Vasos Gregos do País e que se encontrava inédita. Trata-se de uma pequena coleção reunida por João Allen, um conhecido diplomata e colecionador portuense, descendente de abastadas famílias inglesas e italianas que se estabeleceram em Portugal. Tal como os seus contemporâneos, sobretudo aristocratas, Allen ficou fascinado com a ideia do *Grand Tour*, e viajou por Itália entre setembro de 1826 e maio de 1827, após uma viagem a Paris. Durante esta viagem, adquiriu várias coleções de antiguidades, incluindo uma

pequena coleção de Vasos Gregos, que, com exceção de uma taça ática, são todos italiotas.

Neste breve excursus, falar sobre a excelência e singularidade da vida e obra de M. H. da Rocha Pereira é tarefa difícil de alcançar. Essa mesma singularidade expressa-se nos distintos prémios atribuídos em vida, nomeadamente o Prémio P.E.N. Clube Português de Ensaio, pela obra “Novos ensaios sobre temas clássicos na poesia portuguesa” (1989), o Prémio Jacinto do Prado Coelho do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, pelo ensaio “Portugal e a herança clássica e outros textos” (2003), o Prémio Troféu Latino, da União Latina (2006), o Prémio Universidade de Coimbra (2006), o Prémio de Cultura Padre Manuel Antunes (2008), o Grande Prémio Vida Literária APE/CGD (2010).

Para além destes inúmeros prémios, M. H. da Rocha Pereira haveria de ser agraciada, a 9 de junho de 2004, com o grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, e em 2009 com o grau de doutor *honoris causa* pela Universidade de Lisboa. Muitas outras homenagens lhe foram sendo prestadas em vida e depois do seu desaparecimento, tantas que seria impossível aqui aludir, pois corríamos o risco de não podermos aludir a todas elas.

M. H. da Rocha Pereira, nascida a 3 de setembro de 1925, no Porto, Cedofeita, haveria de deixar-nos com 91 anos, tendo falecido no dia 10 de abril de 2017, na sua invicta cidade. A sua memória haveria de ser celebrada pouco tempo depois num ciclo de conferências no *Centro Cultural de Belém* (CCB), numa iniciativa comissariada pelo autor deste breve texto de homenagem e pelo seu discípulo, Delfim Leão. Com esta iniciativa, impulsionada pelo atual diretor do Museu Nacional de Arqueologia, António Carvalho, também se pretendeu homenagear o saudoso Vasco Graça Moura, que tinha sido um dos diretores daquela instituição, e falecido a 27 de abril de 2014, com 72 anos. As pessoas que privaram com ambos sabiam que eram bons amigos e que tinham uma forte ad-

miração um pelo outro. A ideia primigénia que haveria de resultar neste ciclo de homenagens teria partido do próprio Vasco Graça Moura, que pouco antes de falecer pretendia conceber uma nova exposição sobre Vasos Gregos, reconhecendo o valor desta arte da antiguidade e, certamente, como forma de homenagear a sua amiga. Por razões logísticas, não foi possível realizar-se a exposição, mas pôde celebrar-se em memória de ambos duas sessões integradas no ciclo de conferências intituladas *De Zeus a Varoufakis: A Grécia nos destinos da Europa*. As sessões decorreram entre os dias 24 de fevereiro e 3 de março de 2018, e tiveram como tema *O Perene e o Belo: Ecos da Antiguidade Clássica*. Aí estiveram presentes familiares, amigos de longa data, e outros colegas de renome nacional e internacional, representando distintas academias e instituições museológicas, mas também do mundo literário.

Estamos conscientes de que as homenagens nunca se esgotam, pois sentimos que é nosso dever fazer perdurar a memória de alguém que formou centenas de alunos ao longo de uma vasta carreira académica, reconhecidamente brilhante. Entre nós, os estudos sobre os Vasos Gregos podem ter um futuro promissor, mas ainda necessitamos de fazer uma longa caminhada e aprender com os conhecimentos e resiliência transmitidos por M. H. da Rocha Pereira. E foi graças a esses ensinamentos que mais recentemente nos aventurámos num reestudo dos Vasos Gregos em Portugal, precisamente em sua homenagem. Referimo-nos a uma publicação parcialmente bilingue editada em três volumes, intitulada *Myths, Gods & Heroes. Greek Vases in Portugal / Mitos, Deuses & Heróis. Vasos Gregos em Portugal*.